

ROSA

ANTOINE DE LUCENA

Walden Camilo de Carvalho

1º Ano — Curso de Formação de Atôres

Sinto a noite escorregando dentro de mim e empapando a terra. Como se fôsse sangue. No chão e no asfalto da cidade que agora está lá bem longe. A noite molha as coisas. A noite possui as coisas com seu negrume e seu sexo. Como estou lírico, meu Deus! Meu mêdo de criança quando a luz apagava na casa. Procurando as paredes desesperado. Não via nada. Quase uma vontade de chorar. Sei lá, mas me dava um negócio esquisito pra burro. Tinha a impressão que ia morrer. Ninguém devia morrer como se morre. Bastava que a gente depois de viver muito, muito mesmo, quisesse desaparecer, então pluf. Sumia no ar como aquêlê negócio que êles chamam de fogo fátuo. Não via nada.

Meu irmão deve ter acordado. Não é possível. Porquê que não fala comigo? Pelo menos diz que acordou ou qual-quer coisa parecida. Custa nada. Mesmo que eu já soubesse que êle estava acordado desde o comêço da escuridão, não ia me zangar nem nada, juro! Será que não sabe que estou com mêdo. Estou tão com mêdo como estou agora, depois de velho. Não muito velho, é claro, mas, meio velho! Eu ia dizendo então que estou com tanto mêdo como estou agora ou pelo menos começando a ficar. Meu mêdo continua. Descubra as mínimas coisas da noite, dizia um amigo meu de Varginha que usava óculos e tinha um disco de Missa Luba que eu sempre fazia questão de ouvir quando ia à casa dêle.

Será que se eu chamar a mãe, o pai não xinga? Pelo menos xingou da outras vêzes. Um cavalo dêsse tamanho com mêdo de escuro, vê se tem graça?! Faz tanto tempo isso, ou não faz? Talvez não, talvez até tenha sido no ano passado enquanto eu estava lá ainda. Não, acho que não é. Eu perdido dentro de meu quarto com um irmão dormindo que bem podia estar acordado pra não me dar essa impressão de desespêro. Naquela época eu já sabia o que era desespêro, no duro. Quê me adianta o crucifixo na parede e o retrato de São Jorge (depois vim saber que êsse santo era o xodó das prostitutas, pelo menos das que conheci, se não era de tôdas). Na hora mesmo, como agora, nenhum dêles presta pra bosta nenhuma. Será que fechando o ôlho eu durmo? Se eu vir de nôvo a cara verde do Eurico? Nunca devia ter olhado. Eu sabia que se olhasse ia ficar com o rosto dêle na cabeça pro resto da vida, mas mesmo assim, a minha maldita teimosia. Nunca mais olho ninguém envenenado por arsênico. Vou parar de pensar nessas coisas, senão agora mesmo dou um berro no meio dessa estrada, então vão pensar que estou doido e aquela coisa tôda. Mas que lugar eu vim parar, sô. Não tem nada. Nenhuma casinha pelo menos. Só falta eu ser assaltado. Contando que o ladrão não seja dêsses bem sádicos que passam a navalha na gente de cima até em baixo, porque aí eu nem sei o que vou fazer. Sou até capaz de matar o filho da mãe. E o cara que colocou uma gilete no escorregador do parque? Nossa! Por favor, onde passa lotação aquí? O senhor não é ladrão não, né? Alí perto da árvore. Se fôr, vai me atacar por trás. Agora. Está demorando demais. Já estou sentindo até aquela música que aparece no cinema nessas horas. Cancancancan. Quê que o senhor está esperando? Ê, não deve ser não. Obrigado.

Amanhã vou escrever pra casa. O pai bem que podia me mandar minha parte da herança de uma vez, êle não dura muito mesmo. Aí, eu resolvia tudo. Ê isso que vou fazer. Deixa ver o que eu digo pra Rosa... Falo que tive de colocar o serviço em dia e coisa e tal. Será que cola? Se não colar, azar, sabe! Não, cola sim. O que eu não quero é saber de amo-

lação na minha cabeça. O lotação chegando. Pouca gente, assim que é bom. E se êles forem todos ladrões? Param o ônibus e assaltam. Um pára, e assalta todo mundo, todos os outros ladrões, e eu vou morrer de rir antes que êle saia cortando a cabeça da gente com a navalha. Sim, porque êle deve ter uma navalha. Não admito um ladrão que se preze, sem navalha, isso é que não. Uma? Lógico que é uma. Se estou sôzinho porquê que eu iria comprar duas? Que povo feio, meu Deus. Quim! Um ladrão conhecido. Parece que eu conheço êsse cara. Hein? Rapaz, quê que você está fazendo por aquí, sô? Te conto nada. Vem pra cá. Fui. Agora eu me lembro. Tinha morado comigo na pensão da rua Sergipe. Já tinha uns cinco anos que eu não te via. Pôxa, como tem tempo que eu estou aquí, parece até que no ano passado é que em vim e agora aparece êsse cara e me diz que faz mais de cinco anos que não me vê. Como emagreceu. Devo observar isso ou ficar quieto? Faz de conta que não notei. Não notou como emagreci? Pronto! Você se lembra daquela dona que morava ao lado da pensão? Aquela do industrial? Me pergunta se eu notei que êle emagreceu e depois fala duma mulher que eu nem me lembro mais. Sei. Era uma sardenta bunduda, muito gostosa, que andava dentro de casa só de maiô para o delírio lá da turma. Foi a maior onda de masturbação que já tive notícia. Coletivo, né?! Como fiquei terrível de uma hora pra outra. Assim é bem melhor. Pois é! Ficou olhando como se já tivesse dito tudo. A menos que eu estivesse muito mais distraído do que imagino, não percebi nada, juro! E daí? Êle olhou com os olhinhos de cutia. Eu devia estar com a cara do sujeito mais tapado do planeta. Ora, Quim, tô comendo... Era isso. Não diga, sô! Como é que um cara feio dêsse jeito consegue isso eu ainda não sei. Todo mundo tentou lá na pensão. Teve gente que ficou sem dormir muito tempo bolando um jeito e depois vem um cara dêsses, feio como um chuchu e pronto. Fácil, o marido dela está num congresso no Recife. Ela estava no lotação, eu sentei ao lado e dei a cantada. Foi só. No mesmo dia. Você precisa ver que coisa doida. Todo dia. A mulher é um raio, seu. Mas só

isso? Você continua estudando? Parei. Não tinha mais nada pra dizer. Podia até perguntar mais sôbre o caso da dona, mas pra quê? Não ia me resolver problema nenhum. Pô, já são dez e meia. Não vou falar pra êsse cara que estou casado, não, senão vai querer ir lá em casa, pergunta como foi, se a Rosa é boa de cama e tudo mais. Aquí pra êle... Pois é. Mas quanto tempo, hein, rapaz. Você sabe que o Néelson foi prêso como ladrão? Ladrão? O Néelson? Mas porquê que não podia? Nem me lembro direito como é que êle era. Que notícia êle vem me dar, sô. Quase perguntei que é que eu tinha com isso. O cara está começando a me irritar. Que chato. Que coisa, hein, sô? Se não me engano era um mulato alto que morava perto da privada de baixo. Faz tanto tempo. Como ando esquecendo depressa as coisas. Por exemplo, aquêle dia que eu tentei lembrar como é que chamava aquela menina que eu tinha namorado e que depois me trocou pelo Machado, sem saber que êle era bicha. Que mulher burra, meu Deus! Estou morando aquí no Prado agora. Êle está morando no Prado, ora veja. Estendeu a mão sêca e puxou o cordãozinho vermelho. Lá na frente o sinal apareceu. Pare. Bem na cara do motorista. Eu não servia pra ser motorista. Foi parando. Tchau, aparece uma hora lá em casa. Desceu. Andando pela rua com as mãos nos bôlsos. Vou aparecer, sim. Êle não deixou nem enderêço. Como é o nome dêsse cara mesmo? Deixa pra lá. Que bate-papo azêdo, sô. Também eu não podia dizer, por exemplo, que estava fudido, devendo todo mundo e tinha saído do serviço disposto a suicidar. Vim até aquí, nêsse bairro que eu nem me lembro mais que nome tem, se é que tem nome e depois na hora joguei o revólver no mato. Sabe que eu não devia ter jogado fora, cinquenta contos e eu nem acabei de pagar ainda. Eu diria também que joguei no mato porquê não tinha jeito de enfiá-lo, sabe... Deveria ter feito. Êle não teria nada com isso e no máximo diria que a vida é assim mesmo, então eu lhe dava uma porrada no centro da testa ou no meio do ôlho, conforme a presença de espírito na hora. Mandava êle parar de dar conselhos pros outros. Vou descer aquí. Minha mão

puxando o cordãozinho vermelho. Rua outra vez. Tinha uma gorducha sentada do meu lado e eu nem vi.

Lotação arrancando novamente. Vou comprar umas flôres pra Rosa. Ela sempre gostou. Que foi isso? Rua girando. Riscos, côres. O barulho. Borracha. Chão negro. No alto as estrêlas. Estou caindo. Será que fui atropelado? Não vou poder comprar flôres pra Rosa. Não é possível. Gozado, não sinto nenhuma dor. Deve ser sangue essa coisa quente no meu rosto. Gente me olhando. Sai da frente que eu quero me levantar. Tenho de comprar flôres pra Rosa. Inútil. Não consigo mover um dedo. Vou morrer olhando pra cima. Essas estrêlas. Agora não adiantam nada. Fico lírico. Sempre pensei que se pudesse ficava lírico na hora de morrer, faria uma poesia. Amanhã aparecia no jornal, talvez até descobrissem as outras que eu tenho guardadas não sei nem onde. Espero um pouco como quando apagava a luz no meu quarto. Salvado. É sangue mesmo. Quem disse que a morte é doce. É doce só na poesia dos outros, na minha não! Tudo ficando vermelho, agora escuro. Risquinhos azuis. Não sabia que a morte era colorida, sempre pensei que fôsse negra. Ah, isso ninguém me disse. O cara se chama Roberto, me lembrei. Tira essa gente da minha frente. Que escuridão. Mãe! A luz apagou. Que vontade de rir. Todo mundo ia assustar se eu chamo a mãe agora. Avisem lá em casa por favor, meu endereço deve estar no bôlso. Não me toquem, está bom nessa posição. Eu estava indo comprar flôres pra Rosa. Ela é minha mulher, sabe?! É Rosa o nome dela. Mas não ia levar rosa não. Ela não gosta de rosa. Coisa de mulher! Será mesmo Rosa o nome dela? Ah, como ando esquecido. Mãe, apagaram a luz.